



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS PORTUGUÊS**

**DENISE GRIGÓRIO NUNES**

**EXPLORANDO O UNIVERSO MARAVILHOSO: UMA ANÁLISE DA OBRA O  
*FEITICEIRO DE TERRAMAR* DE URSULA K. LE GUIN**

**GUARABIRA  
2024**

DENISE GRIGÓRIO NUNES

**EXPLORANDO O UNIVERSO MARAVILHOSO: UMA ANÁLISE DA OBRA O  
*FEITICEIRO DE TERRAMAR* DE URSULA K. LE GUIN**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado ao Departamento do Curso  
de Letras da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito para a obtenção  
do título de Licenciada em Letras  
Português.

**Orientador:** Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva

**GUARABIRA  
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N972e Nunes, Denise Grigorio.  
Explorando o universo maravilhoso [manuscrito] : uma análise da obra "O feiticeiro de terramar" de Ursula K. Le Guin / Denise Grigorio Nunes. - 2024.  
23 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva, Coordenação do Curso de Letras - CH. "

1. Contos de fadas. 2. Literatura . 3. Maravilhoso. 4. Fantástico. I. Título

21. ed. CDD 810

DENISE GRIGÓRIO NUNES

**EXPLORANDO O UNIVERSO MARAVILHOSO: UMA ANÁLISE DA OBRA O  
FEITICEIRO DE TERRAMAR DE URSULA K. LE GUIN**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Letras Português.

Aprovada em: 11/6/2024.

**BANCA EXAMINADORA**

Rosângela Neres F. Silva

Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aline Oliveira do Nascimento

Profa. Me. Aline Oliveira do Nascimento (Examinadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Danielle dos Santos Mendes Coppi

Profa. Me. Danielle dos Santos Mendes Coppi (Examinadora)  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>4</b>
<b>2</b>	<b>A LITERATURA MARAVILHOSA.....</b>	<b>5</b>
<b>3</b>	<b>UMA ANÁLISE DOS ASPECTOS E DO MARAVILHOSO NA OBRA O FEITICEIRO DE TERRAMAR, DE URSULA K. LE GUIN.....</b>	<b>9</b>
<b>3.1</b>	<b>A autora e a obra.....</b>	<b>9</b>
<b>3.2</b>	<b>Ged, a sombra humana .....</b>	<b>11</b>
<b>3.3</b>	<b>O maravilhoso na obra .....</b>	<b>15</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>21</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>22</b>

## EXPLORANDO O UNIVERSO MARAVILHOSO: UMA ANÁLISE DA OBRA *O FEITICEIRO DE TERRAMAR* DE URSULA K. LE GUIN

Denise Grigório Nunes<sup>1</sup>

A literatura maravilhosa compõe-se de magia e mundos inventados, com a presença do insólito e de criaturas fantásticas. Ela encanta o leitor e o transporta para um lugar onde tudo é possível. O maravilhoso explica por qual motivo há a ausência do estranhamento em relação aos acontecimentos sobrenaturais presentes em algumas histórias. Sua função é transformar o extranatural em algo natural e fazer com que o leitor aceite sem questionar qualquer acontecimento no contexto ficcional da narrativa. Ao conduzir a pesquisa bibliográfica, recorreu-se às teorias de David Roas (2013) e Tzvetan Todorov (1981) para a compreensão de como o espaço maravilhoso se estabelece e a maneira como as propriedades dele se manifestam nas obras. De posse do conhecimento adquirido, foi examinado o livro *O Feiticeiro de Terramar* (1968), de Ursula K. Le Guin, com objetivo de averiguar como o maravilhoso compõe o enredo. Após a análise das teorias do maravilhoso e as observações dele dentro da história, foi testificado que a obra pertence à literatura maravilhosa.

**Palavras-Chave:** Maravilhoso; Fantástico; Contos de fadas; Literatura.

### ABSTRACT

Marvelous literature is made up of magic and invented worlds, with the presence of the uncanny and of fantastic creatures. Its objective is to enchant the readers, to transport them to a place where anything is possible. That is the reason behind the lack of strangeness in relation to the supernatural events present in some stories. Its function is to transform the extranatural into something natural, making the reader accept without question any event in the fictional context of the narrative. In the bibliographical research, the theories of David Roas (2013) and Tzvetan Todorov (1981) were used to understand how the marvelous space is established, as well as the way in which its properties are manifested in the works. Applying the acquired knowledge, the book *A Wizard of Earthsea* (1968), by Ursula K. Le Guin, was examined, aiming to discover how the marvelous makes up the plot. After analyzing the theories of the marvelous and his observations within the story, it was confirmed that the work belongs to marvelous literature.

**Keywords:** Marvelous; Fantastic; Fairy tales; Literature.

### 1 INTRODUÇÃO

A literatura maravilhosa acontece ao transformar elementos mágicos e insólitos em usuais, com possibilidade de ocorrência. Diante dela o leitor minimiza sua parte racional e passa a acreditar no contexto ficcional do texto. O extraordinário e o sobrenatural são elementos que compõem esse gênero, ambos estão presentes na literatura maravilhosa e não causam reação de espanto ou dúvida, por serem aceitos como normais. Falar da literatura maravilhosa é tomar como verídicos os mundos

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras - Português pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Centro de Humanidades (CH), Campus III. E-mail: gregoriodenise0@gmail.com.

encantados, as criaturas místicas e objetos mágicos, é aceitar que fadas e feiticeiros existem.

Com o sobrenatural se convertendo em possibilidade, essa pesquisa visou entender as características que constituem a literatura maravilhosa, o que as obras pertencentes a esse gênero têm para serem classificadas como tal. Esse estudo foi baseado principalmente em dois teóricos, sendo eles David Roas (2013) e sua obra *A ameaça do fantástico: aproximações teóricas*, e Tzvetan Todorov (1981), com *Introdução à literatura fantástica*. Ambos os estudiosos, em seus textos, focam na literatura fantástica, um gênero vizinho do maravilhoso, mas trazem também discussões que envolvem o tema tratado na pesquisa, permitindo, assim, a exploração desse mundo maravilhoso, onde pode-se conhecê-lo e catalogar obras próprias a ele.

A motivação para esse trabalho se deu devido ao contato da pesquisadora com a disciplina de literatura infantojuvenil, ministrada no curso de Letras-Português, onde foram estudadas e discutidas obras infantis, assim como escritores desse ramo. Tais obras levaram à reflexão da possibilidade da existência de algum gênero literário que pudesse classificar alguns acontecimentos presentes nos enredos, algo que explicasse o fato de não haver o estranhamento das ações sobrenaturais que se lê nos contos de fadas e em outros tipos de histórias.

Os objetivos gerais da pesquisa são analisar as particularidades da literatura maravilhosa, observar por meio de estudos como o espaço maravilhoso se compõe e o comportamento dos leitores imersos nesse gênero. Espera-se especificamente reconhecer as características da literatura maravilhosa no romance de fantasia *O Feiticeiro de Terramar* (1968), da escritora Ursula K. Le Guin; além de averiguar se essa obra pode ser classificada como pertencente ao maravilhoso, pretende-se explorar outros aspectos no enredo da história.

A condução tomada para a realização do presente trabalho foi a bibliográfica, ou seja, realizou-se uma pesquisa de obras já existentes a respeito do assunto discutido. Foi possibilitado, assim, o desvendamento e a compreensão de como a literatura maravilhosa se dá.

Lança-se aqui um convite para o início de uma jornada de exploração dos mundos maravilhosos, sendo apresentado, inicialmente, o conceito desse gênero, incluindo sua origem, características distintivas e a reação do leitor ao se deparar com suas obras. Em seguida será apresentada a análise da obra *O feiticeiro de Terramar*, começando com uma introdução sobre a autora Ursula K. Le Guin, seguindo-se por detalhes e aspectos da história. Observar-se-á sequencialmente o enredo, na busca por identificar traços do maravilhoso na obra.

## **2 A LITERATURA MARAVILHOSA**

Estabilizados pela monotonia do dia a dia, por vezes anseia-se fugir da realidade limitada a fim de viajar por novos mundos, presenciar situações que estão distantes do cotidiano. Deseja-se ir para lugares distantes, simplesmente largar tudo e partir para outro mundo. E por outras vezes imagina-se viver histórias que não são as nossas, ser outro alguém, um super-herói ou talvez um mago, dentre uma infinidade de possibilidades.

Nessa atitude fugaz, visa-se escapar por meio da imaginação, assim como por novelas, séries, filmes ou pela leitura de histórias. Uma vez que esta última é uma grande transportadora para novas dimensões, é possível finalmente aquietar anseios ao tomar um livro em mãos e começar a ler, já que, por meio dele, e com o auxílio da imaginação, tem-se o potencial de viver numerosas vidas, de ser pessoas diferentes.

Em meio a tantas dimensões a que a leitura pode levar, existe um universo encantado, com dragões, elfos, fadas, monstros, lagos que curam, objetos mágicos, animais falantes etc., onde o sobrenatural é aceito sem qualquer problema. Um lugar para esquecer as regras da realidade, para presenciar o extraordinário e se deixar ser fascinado pelos cenários e belas criaturas mágicas. Esse mundo, onde é possível se desfazer do comum, ter um encontro com o impossível e tomá-lo como real, recebe o nome de maravilhoso — eis, então, a literatura maravilhosa.

E, em se tratando deste ambiente encantado, mesmo quem não se aventurou a estudá-lo ou não possui conhecimento de sua nomenclatura já teve contato com ele sem sequer perceber, em especial na infância, com os contos de fadas. Como explicado por Todorov (1981, p. 30):

Costuma-se a relacionar o gênero do maravilhoso com o do conto de fadas; em realidade, o conto de fadas não é mais que uma das variedades do maravilhoso e os acontecimentos sobrenaturais não provocam nele surpresa alguma: nem o sonho que dura cem anos, nem o lobo que fala, nem os dons mágicos das fadas (para não citar mais que alguns elementos dos contos de Perrault).

A forma como os contos de fadas costumam iniciar suas histórias, a famosa frase “Era uma vez,” age levando o seu leitor para um mundo e um tempo indeterminados, distanciando a realidade concreta da narrativa em que se passa o enredo, possibilitando que tudo seja possível e acreditável. Eles são famosos por seu encantamento, por finais felizes e amor verdadeiro, uma concepção muito conhecida pelo popular.

Afinal, quem não conhece a princesa que perdeu o sapatinho de cristal, ou a que dormiu profundamente até que um príncipe a despertou com um beijo, ou a princesa que transformou a fera novamente em um príncipe? Assim como a maçã envenenada, as poções, o espelho mágico e o poder de transfiguração das bruxas fazem parte do conhecimento popular. E por mais que as situações sejam impossíveis à lógica, não há estranhamento para com os acontecimentos narrados; não há questionamentos quanto à sua veracidade. Não há dúvidas se de fato um beijo de amor verdadeiro pode trazer alguém dos mortos, ou se pode existir um reino no fundo do mar, como em *A pequena sereia*.

O gênero maravilhoso tem a sua origem nos mitos e no folclore, e passou por várias modificações até chegar à forma como ele é conhecido. Por levar as pessoas daquela época a se encantarem com os deuses e as criaturas inventadas, nota-se que esse gênero passou por expansões e adquiriu especificidades conforme o passar do tempo. De acordo com Marinho (2006, p.4):

[...] o maravilhoso, que comparece inicialmente na literatura dos mitos e tem nela seu berço, foi ganhando complexidade ao longo do tempo e, dessa maneira, atingiu maior amplitude na medida em que abriu seus tentáculos e se adequou a outras formas de representação. Podemos notar a presença do maravilhoso em outros tantos sistemas de linguagem, não só artísticos, como se vê no teatro, no cinema e na pintura, como também no religioso [...].

Ou seja, além de se conectar com o maravilhoso através dos contos de fadas, é possível se deparar com traços desse gênero em vários cenários, como em obras cinematográficas, teatrais e escritas. Assim, ainda que alguém não tenha consciência dele, observa-se que em algum momento da vida é inevitável ter contato com alguma das características do maravilhoso.



Entretanto, antes de tudo, o maravilhoso nasce, primeiramente, da imaginação humana: na capacidade mental de transfigurar uma floresta comum em mágica, de observar criaturas existentes e por meio delas criar seres inexistentes, como também inventar poderes ou habilidades que um bruxo ou herói podem ter. A imaginação é poderosa, com ela é possível criar todo um universo totalmente diferente do nosso. Não existem limites para a criatividade, pois com ela tudo é possível. Assim, a capacidade de inventar respostas para fenômenos sem explicação é desenvolvida, bem como a de formular histórias com o toque especial do extraordinário.

No passado, diante de acontecimentos para os quais aparentemente não havia explicações, que despertavam a indagação da criação e do modo como o mundo funcionava, os seres humanos recorriam à imaginação para assim tentar elaborar algo que explicasse tais eventos. Dessa maneira, deuses e criaturas místicas, dentre outros, foram criados. Marinho (2006, p.18) alega que:

A idéia do maravilhoso surge primeiramente dentro do pensamento mágico e, dessa forma, antes de ele ser estetizado pela literatura, aparece intrínseco no imaginário humano e, portanto, dotado de um caráter universal que se manifesta em todas as sociedades ou grupos sociais. Na verdade, o maravilhoso tem em seu substrato exatamente esse pensamento mágico que origina, dentre outros, o pensamento religioso, criando os mitos e as diversas religiões. Se comparamos as mitologias oriundas das diferentes civilizações, como a egípcia, a grega, a suméria, a hebraica, etc., notaremos que todas elas têm a preocupação de explicar a gênese do mundo, os fenômenos naturais e a condição humana por meio de mitos e de alegorias.

Os universos narrados nos livros surgem da criatividade e da experiência de mundo do autor. Ele se utiliza de sua imaginação e então os produz. O escritor que escreve dentro do gênero tratado, como expressa o próprio significado da palavra, busca maravilhar, provocar admiração, deixar o seu leitor encantado diante da história. Já o leitor que se aventura nas mais diversas situações inusitadas do maravilhoso com nada do que acontece no enredo se espanta. Tudo o que ocorre nesse ambiente é comum, pois o sobrenatural, que está ligado ao desconhecido, ao incomum, a algo do além, é aceito como natural e não causa nenhuma reação questionável. Mesmo diante de um acontecimento totalmente irreal para a lógica, não há dúvidas acerca dele, apenas sua aceitação como real.

Dessa forma, o maravilhoso, responsável por criar situações insólitas segundo as leis que regem o nosso mundo, ambientes governados por magos, florestas encantadas onde bruxas, fadas, sereias, cavalos alados e outras mais criaturas residem, é aceito sem estranheza, afinal:

[...] na literatura maravilhosa o sobrenatural é mostrado como natural, em um espaço muito diferente do lugar em que vive o leitor (pensemos, por exemplo, no mundo dos contos de fadas tradicionais ou na Terra Média em que está ambientado *O Senhor dos Anéis*, de Tolkien) (Roas, 2013, p. 33).

Por meio do exame de exemplos como a obra *O Senhor dos Anéis* (1954-1955), na qual o escritor J. R. R. Tolkien leva o leitor a um universo repleto de magia, com elfos, *hobbits*, magos e um anel poderoso, como também os contos de fadas, em que princesas são enfeitadas e beijos de amor verdadeiro salvam da morte ou quebram maldições, é possível visualizar melhor a ideia que fundamenta o gênero, pois ambos levam a explorar o extraordinário. São obras que existem através do sobrenatural, do mágico, mas que não causam conflitos com a nossa realidade, já que são mundos

distintos, distantes. Exatamente por ser um mundo que diverge do nosso, os fenômenos narrados são aceitos como reais sem qualquer problema.

O maravilhoso acontece em outra dimensão, uma inventada. As leis que regem tal mundo são diferentes da nossa realidade. O que em nosso mundo é impossível, nele é possível. Por isso, o leitor diminui sua lógica, deixa de lado as regras definidas pelo mundo habitual, e abre a mente para novas possibilidades. Por esses motivos, o extraordinário não causa espanto, mas traz deslumbramento para aquele que explora esses tipos de histórias.

O objeto de estudo trata o sobrenatural diferentemente do fantástico, um gênero que atua muito perto do maravilhoso. A literatura fantástica se caracteriza pelo oposto, nela o extranatural é mostrado como incerto. Existe uma tensão no enredo durante a narrativa; dessa maneira, personagens e leitor não conseguem aceitar os ocorridos sobrenaturais como naturais, ao mesmo tempo em que se questionam a todo momento se o que está diante dos seus olhos seria de fato natural ou então algo possível de ser explicado pela razão, e, como pontua Todorov (1981, p. 16), “a possibilidade de vacilar entre ambas cria o efeito fantástico”, ou seja, o gênero fantástico propriamente dito. O mundo em que se conta a história é semelhante à nossa realidade, por isso ambos os mundos entram em atrito. Já o universo maravilhoso:

é um lugar totalmente inventado em que as confrontações básicas que geram o fantástico (a oposição natural/sobrenatural, ordinário/extraordinário) não estão colocadas, já que nele tudo é possível – encantamentos, milagres, metamorfose – sem que os personagens da história questionem sua existência, o que permite supor que seja algo normal, *natural*. Cada gênero tem sua própria verossimilhança: colocado como algo normal, “real”, dentro dos parâmetros físicos desse espaço maravilhoso, aceitamos tudo aquilo que acontece ali sem questioná-lo (não o confrontamos com nossa experiência de mundo) (Roas, 2013, p.34).

O fantástico tem a manifestação do sobrenatural como seu elemento principal, entretanto, funciona em um espaço muito próximo à nossa realidade, adquirindo, assim, algumas das regras de funcionalidade do mundo concreto. Desse modo, os ocorridos extranaturais seriam impossíveis dentro daquele contexto tão semelhante ao do leitor; para mais, aquele que lê mantém em mente as normas da nossa realidade, fazendo com que a lógica entre em ação e a realidade proposta pela história seja duvidosa e inviável.

No maravilhoso, o leitor abandona a incredulidade e toma como verídico o que lê. Afinal, para entender o funcionamento do espaço maravilhoso, é preciso enxergar por meio das próprias regras do ambiente em que se passa a história, ou seja, faz-se necessário admitir novas leis, pois não serão iguais às que são conhecidas e com as quais se tem familiaridade. Como posto por Todorov (1981, p. 24), “se, pelo contrário, decide que é necessário admitir novas leis da natureza mediante as quais o fenômeno pode ser explicado, entramos no gênero do maravilhoso”. Em outras palavras, se é preciso escantear as regras de funcionalidade da nossa dimensão para aceitar novas leis que expliquem os acontecimentos narrados, trata-se do maravilhoso.

Por apresentar universos distantes que funcionam sob regras diferentes, os ambientes do maravilhoso não entram em confronto com os nossos. Não ocorre uma transgressão contra a nossa realidade, pois os acontecimentos relatados se passam em um lugar totalmente inventado e diferente do nosso mundo. Como exemplificado por Roas (2013, p. 44-45):

Mas que transgressão pode estabelecer o mundo de contos de fada ou um mundo como o que Tolkien criou? O lugar em que transcorrem as ações de *O Senhor dos Anéis* não tem nada a ver com o funcionamento físico do nosso mundo, do que se deduz que nada do que ali aconteça pode ser sentido como ameaçador para a estabilidade de nossa realidade. Porque, em última instância, não é nossa realidade, e sim um mundo autônomo, independente dela. O leitor do romance de Tolkien se sabe diante de um mundo absolutamente irreal, onde tudo é admissível, e onde, portanto, não existe possibilidade de transgressão.

Mesmo ao se encantar com o espaço maravilhoso e aceitar tudo o que ali acontece, o leitor tem a consciência de que se passa em uma dimensão inventada. Por isso, o universo real e o maravilhoso não se confrontam. Mas isso não quer dizer que o mundo maravilhoso não seja real; ele se torna verídico a partir do momento em que se entra em um acordo com o próprio intelecto para esquecer a realidade e as regras estabelecidas por ela. É algo que acontece de forma imperceptível, automática, e então deixa-se de lado a incredulidade ao se desligar da racionalidade. Michelli (2013, p. 63) esclarece:

Ainda que operando sobre ocorrências sobrenaturais numa ficcionalidade que as oferece como se fizessem parte do real, o “irracional” pode ser aprendido – no contexto do que se teoriza sobre o maravilhoso – como verossímil: os eventos aparentemente impossíveis são percebidos como críveis, o que também se coaduna ao pacto ficcional de suspensão da incredulidade.

O que marca o maravilhoso não é a sua explicação através do sobrenatural, mas o fato de não ser explicado, porém simplesmente aceito, sem que nem por um minuto surjam questionamentos a respeito do ambiente diante do leitor. No gênero maravilhoso suspende-se o descrédito e, assim, os feitiços, as criaturas mágicas e as florestas encantadas se tornam reais. Tanto o leitor quanto os personagens das histórias aceitam os acontecimentos extraordinários sem dificuldade alguma.

Ao explorar esse universo, vê-se o impossível ganhar vida. Nele, presencia-se guerras travadas entre elfos e humanos, fadas que resolvem qualquer problema com sua varinha de condão, como também é possível voar em dragões e cavalos alados, realizar desejos por meio de estrelas mágicas e tomar poções para assumir qualquer forma ou ganhar qualquer poder.

O maravilhoso é o espaço onde aquele que o experimenta é ofuscado pelo seu encantamento. Quando ele é abordado, o sobrenatural deixa de ser inusitado e passa a ser comum; e quando isso ocorre, adentra-se na literatura maravilhosa.

### **3 UMA ANÁLISE DOS ASPECTOS E DO MARAVILHOSO NA OBRA *O FEITICEIRO DE TERRAMAR, DE URSULA K. LE GUIN***

#### **3.1 A autora e a obra**

Um grande nome dentro da literatura de ficção científica, Ursula Kroeber Le Guin nasceu em 21 de outubro de 1929, na cidade de Berkeley, Califórnia, e faleceu em janeiro de 2018. Ela estudou na Berkeley High School e com 18 anos entrou para Radcliffe College, da Universidade Harvard, para cursar literatura italiana e francesa renascentista. Em 1952, realizou sua pós-graduação na Universidade de Columbia,

onde recebeu o título de Mestra em artes em francês. A escritora também explorou outras profissões, atuando como tradutora, poetisa, ensaísta e editora.

Além de ser prestigiada por suas obras de fantasia e de ficção contemporânea, Ursula K. Le Guin é conhecida pela escrita de suas histórias em mundos alternativos, bem como por discutir temáticas complexas como filosofia, religião, sexualidade, gênero e política. *O Tormento dos céus*, *Floresta é o nome do mundo*, *Os despossuídos*, *A Mão Esquerda da Escuridão* e *O Feiticeiro de Terramar* são alguns títulos que compõem o seu acervo, o qual conta com mais de cem obras publicadas, incluindo 23 romances, doze volumes de contos e novelas, treze livros infantis, onze volumes de poesia, cinco coletâneas de ensaios e quatro volumes de tradução.

A escritora americana foi altamente premiada, recebendo o National Book Award, sete Hugo Awards, seis Nebula Awards, o PEN/Malamud Award, entre outros. Com suas obras sendo cada vez mais visibilizadas, em 2000 foi nomeada Lenda Viva pela Biblioteca do Congresso e, em 2016, entrou para a lista de autores a serem publicados pela Biblioteca da América.

Ursula K. Le Guin deixou grandes obras nas quais o leitor imerge em mundos maravilhosos. *O Feiticeiro de Terramar*, de 1968, é um exemplo disso. Esse romance de fantasia é o primeiro livro de uma coletânea intitulada “Ciclo Terramar”, formada por mais cinco obras: *As Tumbas de Atuan*, *A Última Margem*, *Tchanu*, *O Outro Vento* e *Os Contos de Terramar*.

O primeiro livro, objeto do presente estudo, apresenta Ged, um menino que descobre que possui poderes mágicos e embarca em uma longa aventura pelas ilhas de Terramar na busca por aprender feitiços e a fim de conhecer suas capacidades mágicas. Ao ingressar em uma escola de magia, o feiticeiro em desenvolvimento demonstra rapidez para aprender os feitiços. Superando os seus colegas, ele começa a alimentar cada vez mais sentimentos de arrogância e de superioridade. Devido a isso, mais adiante na história, querendo provar que possuía grandes poderes e que não era incapaz, Ged se envolve em uma discussão com outros alunos. Em um ato de exibição de si próprio, ele realiza um poderoso feitiço de invocação, com o objetivo de trazer um espírito de volta à vida. No entanto, ao realizar o encanto, acaba por invocar um ser maligno.

Após esse acontecimento, o feiticeiro entra em um conflito interno e precisa lidar com as consequências dos seus atos, pois libertou um grande mal e necessita vencê-lo ou então deixar que o domine. Ele parte, assim, para uma aventura maior e mais desafiadora: conhecer a si mesmo, descobrir quem é o Ged e quem é o seu verdadeiro inimigo.

Os nomes das coisas e das pessoas carregam grande relevância, pois a magia de Terramar ocorre por meio das palavras. Assim, o personagem possui vários nomes durante a história. Foi nomeado pela sua mãe de Duny, mas aos treze anos recebeu de Ogion, o mago silencioso, o nome de Ged. Mais tarde, tornou-se conhecido como Gavião, seu nome de feiticeiro.

Gavião, aquele que viria a se tornar o maior feiticeiro do arquipélago, era antes o Duny, um simples pastor de ovelhas. Nessa história, encontra-se a trajetória inicial do mago que se tornou uma lenda, aquele que recebeu canções exaltando os seus feitos. É o relato da sua juventude, de como aprendeu a manipular a magia e enfrentou os seus erros.

Ursula K. Le Guin, possuidora de uma grande imaginação, descreve um ambiente onde a mágica funciona através das palavras. Conhecer o nome verdadeiro das coisas concede poder aos feiticeiros sobre elas, ou seja, para realizar feitiços é

preciso ter conhecimento. Sua escrita detalhada leva o leitor a explorar juntamente a Ged um mundo formado por ilhas, feitiços e criaturas místicas.

### 3.2 Ged, a sombra humana

A autora traz no livro uma grande lição sobre o quanto o saber é importante. Se um feiticeiro não tiver conhecimento sobre o nome das coisas não poderá realizar o feitiço. Guin reflete em sua escrita que ter informações é um recurso mais poderoso que a própria magia. Para mais, ela ressalta que tudo no mundo é significativo, existe para um propósito e que, dessa forma, as coisas se mantêm equilibradas. Segue-se o trecho que origina a concepção exposta:

Para transformar esta rocha em pedra preciosa, você precisa mudar o seu nome verdadeiro. E fazer isso, meu filho, mesmo com um fragmento tão pequeno do mundo, é mudar o mundo. Pode ser feito. Pode, de fato, ser feito. É a arte do Mestre Transformador, e você a aprenderá quando estiver pronto para aprendê-la. Mas você não deve mudar uma coisa, seja uma pedra, um grão de areia, até que conheça o bem e o mal que resultarão desse ato. O mundo está balanceado, em Equilíbrio. O poder de um feiticeiro para a Transformação e a Invocação pode abalar o equilíbrio do mundo. É perigoso esse poder. Muito perigoso. Deve seguir o conhecimento e servir à necessidade. Acender uma vela é lançar uma sombra... Ele olhou para a pedra novamente. — Uma pedra também é uma coisa boa, sabe — disse, em tom menos sério. — Se as ilhas de Terramar fossem todas feitas de diamantes, levaríamos uma vida difícil por aqui. Desfrute das ilusões, rapaz, e deixe as rochas serem rochas (Guin, 2022, p.54).

Tudo possui uma função única e coopera para que o mundo seja como é. Existe equilíbrio, e qualquer alteração pode modificar a estrutura do que as coisas devem ser. Se forem mudadas, trarão grande risco aos outros elementos existentes. Para além, a escritora faz uma reflexão sobre a responsabilidade. A magia ensinada não deve ser usada apenas pelo simples prazer, ela traz consequências, sejam elas boas ou más, e só deve ser praticada conforme a necessidade.

Esse pensamento não cabe na mente de Ged. O menino não liga para o equilíbrio, é impaciente, só quer aprender como se fazem os feitiços e mostrar para os outros o quão poderoso e avançado na magia ele é. É imprudente, não gosta que caçoem dele ou que o vejam como incompetente. Devido a tudo isso, Ged acaba por cometer um erro, aprendeu a lição do jeito mais difícil, mas foi o que o fez crescer e se tornar, no futuro, um grande mago.

Apesar de se passar em Terramar, a visão de mundo transmitida serve para reflexão na composição do universo real. O leitor medita no quanto o saber é precioso e que a paciência é algo essencial. Tudo que existe é importante e desempenha um propósito. A imprudência e a arrogância podem desencadear grandes estragos e consequências. Essas são algumas das mensagens encontradas no livro.

Guin pensou muito antes de escrever uma história dedicada ao público juvenil, e como resultado surgiu uma narrativa que apresenta um jovem ansioso, que acha que o mundo inteiro está em suas mãos. Ele não se importa com as consequências de suas ações. Tudo é possível e ele pode fazer qualquer coisa. Tais perspectivas se assemelham à fase da adolescência pela qual todo ser humano passa ou passou. A adolescência é a fase principal em que se erra, sonha, conserta os problemas e aprende. É uma fase de transição. A autora faz essa representação e, ao longo da

narrativa, também, mostra que as circunstâncias fazem com que ocorram mudanças internas no homem, o que provoca o crescimento.

*O Feiticeiro de Terramar (1968)*, além de incentivar uma reflexão sobre a juventude, as escolhas, desenvolvimento e o conhecimento sobre si mesmo, ultrapassa seus objetivos ao espelhar também o interior humano no geral, ou seja, a obra atinge não só ao público adolescente, mas qualquer faixa etária.

Afora, a história apresenta uma luta diferenciada. Não é contra um exército que Ged precisa guerrear e ganhar, mas consigo mesmo. A sombra o persegue, porém o menino feiticeiro só faz fugir dela ou tentar se proteger inutilmente com magia. Amedrontado, ele não toma uma iniciativa para derrotar o ser maligno, entretanto, chega um momento decisivo: ou ele caça a sombra ou se deixa caçar. Observa-se isso na seguinte passagem:

O silêncio de Ged exigia a verdade e Ogion explicou, finalmente:

— Você deve dar meia-volta.

— Meia-volta?

— Se você for em frente, se continuar correndo, onde quer que corra, encontrará o perigo e o mal, pois ele o impulsiona, ele decide o caminho que você segue. Você precisa decidir. Precisa perseguir o que o persegue. Deve caçar o caçador (Guin, 2022, p.138).

Nota-se um grande conflito, porém ele não requer uma ação só de Ged, mas também do leitor, ao ser que é perseguido por problemas. No enredo, lança-se uma resposta explícita às dificuldades que a vida traz: se luta ou se deixa ser vencido por elas. O menino feiticeiro, mesmo inseguro e com medo, decidiu por enfrentar a sombra. Ele encontrou coragem dentro de si e partiu em busca para derrotar o mal. Ged decidiu ser o caçador.

Por vezes as dificuldades tornam o homem cego de suas capacidades. Guin escreve essa frase com outras palavras em seu texto, incentivando a lembrança de que em outras ocasiões existiram problemas, mas que foram vencidos. A autora expressa, através de Ged, a fragilidade e a determinação do homem. A seguinte passagem cria essa reflexão:

— São cicatrizes amargas essas que você carrega, rapaz.

— Não tenho forças contra a coisa — respondeu Ged.

Ogion balançou a cabeça, mas não disse mais nada por um tempo. Depois, falou: — Estranho: você teve força suficiente para superar um ocultista em seu próprio domínio, lá em Osskil. Teve força suficiente para resistir às armadilhas e se defender do ataque dos servos de um Antigo Poder da Terra. E em Pendor você teve força suficiente para enfrentar um dragão (Guin, 2022, p. 137).

As cicatrizes das batalhas anteriores permanecem gravadas na alma e moldam as atitudes do ser que as enfrentou. Ged, apesar da fraqueza que sentia diante da sombra, não desistiu de guerrear. Tudo depende do ponto de vista do guerreiro: ir à guerra ou não, mesmo que a vitória não seja garantida, pois, independente do desfecho, houve um contra-ataque. O feiticeiro em formação não sabia se conseguiria derrotar seu inimigo, mas preferiu tentar do que passar o resto da vida fugindo e temendo, pois em algum momento o encontro com ela chegaria, não havia como fugir. Assim como nas dificuldades da vida, não há escapatória; é preciso tentar e correr o risco, mesmo que o final seja incerto.

As lutas internas são aquelas não vistas; ainda que haja empatia, ninguém compartilha do mesmo sentimento daquele que está sofrendo. O indivíduo precisa

trabalhar a si próprio. É possível ter apoio ou algo que cesse os tremores internos; entretanto, o único que pode causar algum impacto verdadeiro é aquele que está afundando nos conflitos, pois ele tem o poder de tomar alguma atitude. No fim da história Estariol, um amigo do feiticeiro, parte junto com ele para derrotar a sombra, porém Ged vai sozinho para o confronto final.

Assim como são invisíveis, as vitórias sobre elas também o são. Aquele que venceu é consciente de como e quando enfrentou a sua sombra. Todavia, para os outros, elas passam despercebidas, assim como foi para o personagem principal:

Mas na Saga de Ged nada é dito sobre essa viagem, nem sobre o encontro de Ged com a sombra, antes mesmo que ele navegasse ileso pelo Território dos Dragões ou trouxesse de volta o Anel de ErrethAkbe das Tumbas de Atuan para Havnor, ou voltasse uma última vez a Roke, como arqui-mago de todas as ilhas do mundo (Guin, 2022, p. 192).

Ged precisou superar diversos obstáculos para, enfim, derrotar a coisa sem forma, mas nada é relatado em sua saga. Apesar de tudo o que passou, os outros não saberão dos detalhes de sua trajetória. Semelhantes são as conquistas e as vitórias no mundo habitual: todos sabem dos títulos ganhos, das posições que um indivíduo alcançou etc. No entanto, desconhece-se as dificuldades e os conflitos que precisaram ser vencidos. E quando se trata das problemáticas internas, a experiência se torna menos evidente para os espectadores.

Todos os acontecimentos ruins levaram Gavião a se tornar o mago mais conhecido do arquipélago. Suas cicatrizes internalizadas o ajudaram a se tornar quem ele é. Cometeu erros, mas aprendeu com eles. Buscou correr risco e enfrentar seus problemas. Esse personagem ensina, é uma representação de que tudo depende de escolhas. Ele atua como uma figura motivacional para que os medos internos sejam superados, transmite coragem e demonstra força, mesmo quando existem dúvidas e tremores dentro de si.

Qualquer poder nas mãos de uma pessoa sem conhecimento, imprudente, egoísta e exibicionista não traz outras coisas além de desastres e consequências ruins. Ursula K. Le Guin deixa isso claro em seu texto, bem como ressalta que o poder mais forte que existe é conhecer e aceitar a si próprio.

Ged, no dia em que libertou o mal, sentia-se superior a tudo e a todos, como se ele fosse o próprio universo. As coisas existiam para o seu serviço e para ressaltar o seu poder. Tais pensamentos e sentimentos ocasionaram a criação da sombra. Ao seguir rastros na obra, chega-se ao entendimento de que o ser disforme, sem nome, era a própria sombra de Ged. De alguma forma mágica, naquele momento, aparentemente, o menino feiticeiro se dividiu em dois.

A criatura maligna o segue para qualquer lugar e sabe sempre onde encontrá-lo. O mal tão temido por ele é uma metade sua que emergiu do seu interior. Guin, para deixar esse ponto evidente, utiliza jogos de palavras e chegando próximo ao fim da história torna cada vez mais evidente essa visão:

Não havia nada diante dele quando olhava ao redor. Com frio, cansado de olhar e espreitar para a escuridão vazia, ele se levantou. — Então, venha — murmurou —, vamos! O que está esperando, Sombra? — Não houve resposta, nenhuma movimentação mais escura entre as névoas e ondas já escuras. No entanto, ele sabia, com uma certeza cada vez maior, que a coisa não estava muito longe, e procurava cegamente por seu rastro frio. De repente, gritou bem alto: — Estou aqui! Eu, Ged, o Gavião, e invoco minha sombra! (Guin, 2022, p.144).

## A sombra chega a se moldar para a aparência de Ged:

A garota deu um passo para trás, mas o homem olhou para ele e logo ergueu o cajado que carregava, segurando-o entre eles como uma barreira para repelir a ameaça ou ato maligno. E aquilo era mais do que Ged pôde suportar. Sua voz estremeceu um pouco quando ele disse: — Achei que você me reconheceria, Jero.

Mesmo assim, Jero hesitou por um momento. — De fato, reconheço — disse ele, e abaixou o bastão, pegou a mão de Ged e o abraçou pelos ombros. — Reconheço! Bem-vindo, meu amigo, bem-vindo! Que recepção lamentável dei a você, como se fosse um fantasma vindo pelas costas; e esperei sua chegada, procurei por você...

— Então você é o feiticeiro de quem tanto se gabam em Ismay? Eu imaginei...

— Oh, sim, eu sou o feiticeiro deles; mas escute, deixe-me dizer por que não o reconheci, rapaz. Talvez eu tenha procurado demais por você. Três dias atrás... você estava aqui três dias atrás, em Iffish?

— Cheguei ontem.

— Há três dias, nas ruas de Quor, a aldeia no alto das colinas, vi você. Ou melhor, vi algo à sua semelhança, uma imitação sua, ou talvez simplesmente um homem que se parece com você. Ele estava à minha frente, saindo da cidade, e fez uma curva na estrada quando o vi. Chamei e não obtive resposta, segui e não encontrei ninguém; nenhum rastro; mas o chão estava coberto de gelo. Era uma coisa esquisita, e agora, vendo você sair das sombras daquele jeito, pensei que estava sendo enganado de novo (Guin, 2022, p.163).

O enredo deixa a entender que a criatura simboliza a parte má da personalidade de Ged. Ela é um espelho que reflete suas características ruins, suas inseguranças e medos. Essa “sombra” também representa o seu lado maldoso, inconsequente, sombrio e irresponsável.

Em muitas histórias, principalmente nos contos de fadas, a dualidade bem/mal são nitidamente separadas. O primeiro sempre tem que vencer o segundo. Em alguns enredos, certos personagens só podem praticar um ou outro. No entanto, Ursula K. Le Guin apresenta os dois como fazendo parte de um ser único.

Em *O Feiticeiro de Terramar* a sombra deseja tomar o corpo e os poderes de Ged e por meio deles operar o mal. Essa é uma das preocupações do jovem. Se ele perdesse a luta contra o seu inimigo, as ilhas estariam em grande perigo, pois o ser maligno teria em mãos uma grande capacidade mágica.

Gavião foge de si mesmo, ele tem que enfrentar o seu outro eu, aquele que deseja espalhar a maldade apenas por pura satisfação. Seu grande desafio é aceitar suas duas metades, suas partes ruins e boas. O ser humano falha, por mais que tente esconder seus defeitos. É algo natural e de uma forma ou de outra elas acabam por emergir. Apesar de possuir essa dualidade no interno, muitos tentam enganar a si mesmos ao não admitir suas características imperfeitas; por esse motivo, negam sua própria natureza, desconhecendo e não aceitando como eles são de verdade, causando assim uma ferida interna.

O feiticeiro descobre como enfim pode derrotar sua sombra, ele faz uso da mágica diferenciada de Terramar para tomar uma atitude:

Em silêncio, o homem e a sombra se encontraram frente a frente e pararam. Em voz alta e clara, rompendo aquele antigo silêncio, Ged falou o nome da sombra, e no mesmo instante a sombra, sem lábios ou língua, disse a mesma palavra: “Ged”. E as duas vozes eram uma só. Ged estendeu as mãos, largando o cajado, e dominou sua sombra, o eu sombrio que se estendia para ele. A luz e as trevas se encontraram, se uniram e eram uma (Guin, 2022, p.187).



Gavião compreendeu que aquele ser era sua outra metade. Uma sombra possui nome; o mesmo que a do seu dono. E, ao nomeá-la, ele impõe um controle sobre ela. É um momento de reconhecimento, onde o lado bom e o ruim se encaram, sem fugas, sem encobrir um ou outro. A realidade de sua natureza é despida, e só lhe resta tomar consciência sobre quem ele é. O leitor chega nessa concepção no trecho:

Ged ergueu o rosto e olhou para aquele brilho crescente e distante no oeste. Ele observou por muito tempo e então se levantou, aprumado, segurando o cajado com as duas mãos, como um guerreiro segura sua longa espada. Observou à sua volta o céu, o mar, a vela marrom e inflada, o rosto do amigo. — Estarriol — disse —, veja, está feito. Acabou. — Ele riu. — A ferida está curada — continuou. — Estou completo, estou livre. — Então se abaixou e escondeu o rosto nos braços, chorando como um menino. (...) Ao nomear a sombra de sua morte com seu próprio nome, ele se curara; um homem que, conhecendo todo o seu verdadeiro eu, não pode ser usado ou possuído por qualquer poder que não seja ele mesmo, e cuja existência, portanto, é dedicada à vida e nunca à ruína, à dor, ao ódio ou às trevas. Em *A Criação de Éa*, que é a canção mais antiga, é dito: “Apenas no silêncio a palavra, apenas nas trevas a luz, apenas na morte a vida: o voo do falcão reluz no céu límpido” (Guin, 2022, p. 190).

A sombra simboliza a sua parte obscura, seu desejo pelo poder, a vaidade, a superioridade etc. As duas metades nesse momento estão sendo juntadas novamente. Ao batizar a criatura com seu nome, ele reconhece e acolhe essas características de si mesmo. É uma cena que representa o autoconhecimento e a aceitação. E, ao fazer isso, Ged afirma que está completo outra vez.

Ao se reconhecer por inteiro, o feiticeiro cura seu interior, tornando-se consciente do seu verdadeiro eu. Ele une a metade que lhe completa. Através dessa cena, a autora expressa que se alguém conhece e aceita sua verdadeira natureza, dificilmente será manipulado por forças externas. Saber e assumir o interior torna o indivíduo mais forte e com melhor capacidade de enfrentar as problemáticas da vida. Ela também ressalta a dependência mútua entre as polaridades. Há vida porque existe a morte; há luz por causa da escuridão; as partes boas existem porque as partes ruins também existem.

Ged se transfigura na sombra do ser humano. Ele reflete o interior: a parte irresponsável, aquela que pensa que sabe tudo, a impaciente, a que precisou superar medos, a que aprendeu com os erros, a ser humilde, ser corajoso etc. Ursula K. Le Guin leva Duny e o seu leitor a refletir sobre quem ele é por dentro e a se aceitar como o são.

### 3.3 O maravilhoso na obra

A história se passa em um arquipélago ficcional chamado de Terramar. Ursula K. Le Guin desenhou o próprio mapa do local e nomeou cada pedaço de terra. Conforme a leitura avança, encontram-se menções de canções, mitos, lendas, escritos e fatos que aconteceram há muito tempo. Um tempo indeterminado, perpassando a sensação ao leitor de que esse mundo é antigo e que as ilhas têm muito mais a revelar do que está sendo contado pelo narrador.

Em Terramar, cada terra possui seus próprios poderes e manifestações únicas. Na ilha de Gont, famosa por seus feiticeiros, é apresentado Duny, um menino que possuía os requisitos do poder, mas que só veio a descobri-los quando repetiu palavras que ouviu de sua tia e então conseguiu exercer um encanto sobre os animais

que pastoreava. Após esse episódio, sua tia passa a lhe ensinar a feitiçaria básica. Ela tinha pouco conhecimento sobre a verdadeira magia, porém sabia como fazer maldições, provocar e curar doenças e, “como qualquer bruxa de aldeia, ela conseguia preparar uma poção do amor, mas havia outras poções, mais terríveis, que fazia para servir ao ciúme e ódio dos homens (Guin, 2022, p.18).”

Além desses feitiços, tem-se um vislumbre maior do poder da magia que envolve o arquipélago quando a aldeia Dez Amieiros é invadida pelos povos Kargs e o futuro feiticeiro lança um encantamento:

Duny, vendo a neblina ser carregada pelo vento e se afastar do caminho dos kargs, enxergou um feitiço que poderia ser útil. Um velho manipulador do clima do vale, na tentativa de conquistar o menino como aprendiz, ensinara-lhe vários encantos. Um dos truques era chamado tecedura de neblina, um feitiço de amarração que unia as névoas temporariamente em um só lugar; com isso, alguém com habilidades ilusionistas poderia moldar em névoa belas figuras fantasmagóricas, que duravam algum tempo e desapareciam. Depressa e em voz alta ele nomeou lugares e limites da aldeia, e então pronunciou o encanto de tecedura de névoa, mas em meio às palavras enlaçou as do feitiço de ocultação e, por fim, bradou a palavra que fazia a magia funcionar (Guin, 2022, p.21).

Com esse feitiço, ele faz a aldeia desaparecer temporariamente e salva os aldeões do ataque dos Kargs. Seu feito se espalha pelas ilhas, e assim Ogion, o silencioso, leva Ged para ser o seu aprendiz.

Diante do exposto, observam-se traços do maravilhoso já nos capítulos iniciais, como a criação de Terramar, a presença da magia utilizada pelos personagens, a existência de bruxas e feiticeiros, bem como de poções encantadas. Seguindo adiante na narrativa, é possível encontrar cada vez mais particularidades da literatura maravilhosa, pois ela segue criando uma estrutura envolta de efeitos mágicos em um mundo incomum, onde “há uma naturalidade nos acontecimentos, característica fundamental do gênero maravilhoso (Pimenta, 2014, p.84)”.

Além de presenciar essas manifestações mágicas, aquele que ler se depara com feitiços de transformações. Vê-se uma pedra assumir várias formas, como um diamante, uma flor, uma mosca, um olho e uma chama. No entanto, o que mais causa deslumbramento é um homem assumir formas animais. Ged antes já havia se transformado em um gavião e para escapar de criaturas maléficas virou um falcão: “Rápido, como no passado em Roke, Ged assumiu a forma de um grande falcão, não o gavião, como o chamavam, mas o falcão peregrino que voa como uma flecha (Guin, 2022, p. 133)”. E ao lutar contra dragões assumiu a forma de um, como observado na passagem:

Ged lançou um feitiço de Transformação e, entre uma expiração e outra, voou de seu barco assumindo forma de dragão. Abrindo as asas largas e expondo as garras, ele enfrentou os dois e os murchou com fogo. Depois se virou para o terceiro, que era maior do que ele e também estava armado com fogo. No vento acima das ondas cinzentas, eles se curvaram, se agarraram, arremeteram, avançaram até que a fumaça se revolvesse em volta deles iluminada pelo brilho vermelho das bocas flamejantes. Ged arremeteu subitamente para o alto e o outro o seguiu por baixo. No meio do voo, o Ged-dragão ergueu as asas, parou e se inclinou como um gavião se inclina, com as garras expostas e voltadas para baixo, então agarrou e derrubou o outro pelo pescoço e pelo flanco. As asas pretas se debateram e o sangue preto de dragão pingou em gotas espessas no mar. O dragão de Pendor se libertou e voou baixo e vacilante para a ilha, onde se escondeu, rastejando para

dentro de algum poço ou caverna do povoado em ruínas. Ged imediatamente assumiu sua forma e voltou ao barco, pois era muito perigoso conservar a forma de dragão além do tempo necessário (Guin, 2022, p. 96-97).

A metamorfose é uma das características mais frequentes nas histórias maravilhosas, especialmente nos contos de fadas. Em Terramar, o leitor se depara com um homem-dragão, um homem-falcão e a possibilidade de mudar e assumir qualquer forma, porém é preciso ter cuidado com a duração da transformação, pois existe o risco de que se permaneça para sempre na forma assumida.

Outros aspectos a serem observados são algumas das criaturas, ambientes e objetos que aparecem. O leitor se depara com uma porta mágica, uma ilha protegida com feitiço, pedra que fala, globo de luzes enfeitiçadas, cajados que emanam luz e poder e terras poderosas. Descobre-se uma nova espécie de animal chamada *Otak*, uma criatura considerada estranha e rara, descrita como pequena, esguia, de rosto largo, pelos castanho-escuros ou tigrados e possuidor de grandes e brilhantes olhos. De temperamento violento, não possui voz alguma. Para mais, conhecem-se os *harrekkis*, dragões do tamanho da palma de uma mão, tidos como animais de estimação. E os grandes dragões que possuem a fama de sábios. Não o bastante, sendo criaturas místicas, ainda por cima falam, despertando mais encantamento naquele que acompanha a cena. Segue-se um trecho do encontro de Ged com a criatura:

Quando o dragão ficou totalmente em pé, a cabeça escamada, coroada de espinhos e com a língua tripartida, ele se ergueu mais alto do que a altura da torre destruída, e as patas dianteiras repousaram sobre os escombros do povoado, com as garras expostas. As escamas cinza-escuro absorviam a luz do dia como pedras lascadas. Ele era esguio como um cão de caça e enorme como uma colina. Ged ficou pasmo. Não havia canção ou conto que pudesse preparar a mente para aquela visão. Ele quase olhou nos olhos do dragão e foi capturado, pois não se pode olhar nos olhos de um dragão. Mas desviou do olhar verde e oleoso que o observava, erguendo diante de si o cajado, que agora parecia uma farpa, um graveto.

— Tive oito filhos, feiticeirinho — falou a voz profunda e seca do dragão. — Cinco morreram, um está para morrer: chega. Você não vai conquistar meu tesouro matando-os.

— Não quero seu tesouro.

A fumaça amarela assoviou das narinas do dragão: aquela era sua risada (Guin, 2022, p. 97).

Conforme eles conversam entre si, Ged reflete como poderia derrotar o grande dragão e seus poderes. Conseguiu derrotar com magia alguns de seus filhos por serem menores, mas como derrotaria uma criatura daquele porte? Entretanto, ele tinha em mente um palpite sobre o nome do dragão devido às antigas histórias que lera em Roke. Saber os nomes verdadeiros das coisas é poder, é ter em mãos a fraqueza do outro, é ameaçador por isso. Em Terramar, revelar seu nome verdadeiro é um gesto perigoso, mas também de confiança.

Ged, mesmo incerto se Yevaud era o nome do dragão, arriscou e suas suspeitas se confirmaram. Aquela era a mesma criatura que havia destruído o oeste de Osskil nos tempos de Elfarran e Morred, e que fora vencido e expulso por Elt, um mago conhecedor dos nomes. O dragão, já velho, temeu ao ouvir o feiticeiro chamar por seu nome e tentou negociar com ele, porém Ged rejeitou suas investidas. O leitor acompanha isso no seguinte trecho:

Quando falou o nome do dragão, foi como se segurasse aquele ser enorme em uma coleira estável e fina, apertando-o na garganta. Ele pôde sentir a malícia milenar e a experiência em relação aos humanos no olhar que o dragão repousava sobre ele; pôde ver as garras de aço, cada uma do tamanho do antebraço de um homem, e o couro duro como pedra, e o fogo enfraquecido escondido na garganta da criatura. E a coleira, cada vez mais apertada.

Ele falou mais uma vez:

— Yevaud! Jure pelo seu nome que você e seus filhos nunca virão para o Arquipélago.

Chamas brilhantes e altas brotaram de repente das mandíbulas do dragão, que exasperou:

— Juro pelo meu nome!

Então, a ilha ficou em silêncio e Yevaud abaixou a grande cabeça. Quando ele a ergueu novamente e olhou, o feiticeiro havia desaparecido e a vela do barco era uma mancha branca nas ondas ao leste, seguindo rumo às ilhas adornadas de joias dos mares centrais. Então, tomado pela raiva, o velho Dragão de Pendor levantou-se, quebrando a torre com a contorção de seu corpo e batendo as asas que cobriam toda a largura do povoado em ruínas. Mas seu juramento o deteve e ele não voou, nem naquele momento nem nunca, para o Arquipélago (Guin, 2022, p. 103).

A conversa entre eles é uma imagem que desperta fascínio, assim como cada elemento que se encontra nas ilhas, e, apesar de tantas ocorrências e detalhes extranaturais, os personagens e o leitor não sofrem com indagações a respeito de ser real ou não; tal motivo faz desaparecer qualquer dúvida a qual gênero ela pertence senão ao maravilhoso, pois ele trata as ocasiões sobrenaturais diferente de um gênero muito próximo a ele, o fantástico, como dito anteriormente.

Nele, os personagens e o leitor duvidam e se questionam a respeito dos acontecimentos incomuns, além de que essas ações trazem um conflito entre a realidade da história e a nossa. Ambas as literaturas possuem o sobrenatural como elemento característico e costumam confundir aquele que venha a analisar, porém três pontos devem ser observados para designar se uma obra pertence a um ou a outro, e são eles: a forma como o extranatural se apresenta na narrativa, se os personagens e o leitor duvidam do que acontece e se a obra entra em conflito com o mundo real.

No fantástico, a história se passa em um mundo muito semelhante ao nosso, porém com o toque do extraordinário. Aquele que ler, assim como os personagens, terminam a história questionando os fatos, se aconteceram e se são possíveis, e assim refletem para chegar a uma decisão (decisão esta que, dentro do fantástico puro, nunca é concretizada), já o maravilhoso é o oposto, é aceitável, não gera questionamento, e o extranatural é naturalizado. Roas (2013, p. 33) caracteriza:

Tudo isso nos leva a afirmar que, quando o sobrenatural não entra em conflito com o contexto em que os fatos acontecem (a “realidade”), não se produz o fantástico: nem os seres divinos (sejam eles da religião que forem), nem os gênios, as fadas e as demais criaturas extraordinárias que aparecem nos contos populares podem ser considerados fantásticos, na medida em que tais narrativas *não fazem intervir nossa realidade* nas histórias contadas. Em consequência, não se produz ruptura alguma dos esquemas da realidade. Esta situação define o que se deu por chamar literatura maravilhosa.

Em outras palavras, as criaturas, os objetos e feitiços, assim como também outros elementos já discutidos, têm sua ocorrência e existência nas terras de Terramar, ou seja, em uma dimensão maravilhosa, um mundo completamente

inventado e diferente do nosso, com funcionalidade de regras diferentes criadas e determinadas pelo autor. Por esse motivo o extraordinário aparece de forma usual, harmônico na narrativa, pois os elementos sobrenaturais se encaixam naturalmente no universo da história. A literatura maravilhosa possibilita que isso ocorra sem que a realidade habitual seja violada, pois se trata de mundos distintos.

No arquipélago, com apenas algumas palavras, pode-se controlar as ondas, as nuvens e o vento do mundo, além de falar com os animais, árvores e montanhas. Ogion, o mago, domou um terremoto ao conversar com a Montanha de Gont e tranquilizá-la, convencendo-a a cessar seus tremores. Durante muitas viagens no mar, Ged manipula o clima para que fique favorável à sua vontade. Em Enlades e Gont, terras ocupadas por muitos ocultistas, assim como em outras ilhas, é possível ver uma nuvem densa vagando de um lado para outro, sendo controlada por um feitiço, até que este permita que ela despeje suas gotas de água no mar.

Diante desses acontecimentos extranaturais, visto que a magia e o extraordinário constituem o universo em que vivem, os habitantes de Terramar não expressam reações de espanto, surpresa ou de incredulidade. Essa conduta pode ser observada enquanto Ged anda pelas ruas de Thwil e o narrador descreve:

Curtas e pouco numerosas, as ruas de Thwil faziam curvas e meias-voltas entre as casas de telhados altos, e era fácil de se perder. Era um povoado estranho, e o povo também era estranho: pescadores, trabalhadores e artesãos como quaisquer outros, mas tão acostumados à feitiçaria que está sempre em ação na Ilha do Sábio que eles próprios pareciam meio ocultistas. Comunicavam-se (como Ged havia descoberto) por meio de charadas, e nenhum deles piscava ao ver um menino se transformar em peixe ou uma casa alçar voo; sabiam se tratar de alguma peça de um menino da escola, e continuavam consertando sapatos ou esfolando carneiros, indiferentes (Guin, 2022, p.50).

Os moradores seguem os afazeres do dia a dia sem se perguntar ou estranhar as ações mágicas que surgem. O insólito está presente na narrativa, entretanto, os personagens não reagem de maneira especial, pois aceitam as situações por ser algo característico do seu mundo. Sobre essa concepção, Todorov afirma (1981, p. 30): “No caso do maravilhoso, os elementos sobrenaturais não provocam nenhuma reação particular nem nos personagens, nem no leitor implícito”. Habitados, os seres do enredo encaram as ações de feitiçaria desinteressados, por isso, a anormalidade passa a ser trivial e o extranatural passa a ser comum.

O exagero e a magia são outras características pertencentes ao gênero tratado. Esses pontos fazem parte da sua linguagem e auxiliam para que a sua estrutura seja peculiar. Dentre tantos outros cenários surpreendentes, Jasper, um dos alunos da escola mágica de Roke, realiza um encantamento ilusório exorbitante:

Fez uma árvore branca brotar do chão de pedra. Os galhos atingiam as altas vigas no teto do salão, e de cada ramo de cada galho brilhava uma maçã dourada, cada uma um sol, pois era a Árvore do Ano. Um pássaro todo branco, com uma cauda parecendo uma cascata de neve, voou entre os galhos de repente, e as maçãs douradas, desvanecendo, se transformaram em sementes, cada uma formada por uma gota de cristal. Elas caíram da árvore com um som como o da chuva, e de repente sentiu-se uma doce fragrância, enquanto a árvore, balançando, espalhava folhas de fogo róseo e flores brancas como estrelas (Guin, 2022, p. 61-62).

A narrativa liga a obra não apenas a essas particularidades, mas também proporciona deslumbramento ao leitor, ação que o maravilhoso busca despertar.

As histórias maravilhosas são repletas de detalhes e momentos fascinantes, como transformações mágicas, poderes sobrenaturais, criaturas fantásticas, portais para outros reinos, rios e espelhos que revelam o desejo mais profundo da alma. É o encontro com um universo sem limites, que promove o inesperado e lança o leitor em vastas aventuras inusitadas. Desse modo, traz deleite à imaginação ao propor e incentivar a visualização mental de ações atrativamente encantadoras, como a seguinte:

Eles estavam comendo, rindo e, por pura diversão, fazendo truques sobre quais maravilhas poderia ter o pátio do rei. Um menino iluminou o pátio com cem estrelas de luz enfeitiçadas, coloridas como joias, que balançavam em uma procissão lenta entre eles e as estrelas de verdade; dois meninos jogavam boliche com bolas de chamas verdes e pinos saltavam e desviavam quando a bola se aproximava; e durante todo o tempo, Jero ficou sentado de pernas cruzadas, suspenso no ar, comendo frango assado. Um dos garotos mais novos tentou puxá-lo para o chão, mas Jero apenas subiu um pouco mais alto, fora de alcance, e continuou sentado, calmo e sorridente, no ar. De vez em quando ele jogava fora um osso de galinha, que se transformava em uma coruja e voava piando entre as estrelas iluminadas. Ged atirava flechas de migalhas de pão contra as corujas e as fazia descer e, quando elas tocavam o solo, lá ficavam, apenas ossos e migalhas, toda a ilusão desaparecia (Guin, 2022, p. 66).

O surgimento de feitos mágicos abre uma porta na imaginação. A leitura e a reprodução mental dos cenários fazem com que o indivíduo se distancie da sua realidade comum. E, por alguns momentos, ele pode se teletransportar para uma dimensão onde pode levitar no ar ao lado de Jero, ou se transformar em um dragão para voar acima dos mares.

Além dos eventos extraordinários mencionados, a magia presente em Terramar demonstra ser mais grandiosa e fascinante ao possibilitar a invocação dos mortos. Na colina de Roke, cheio de confiança e desejando mostrar o quão poderoso podia ser, Ged jura realizar um feitiço para evocar um espírito, e ele consegue. O feiticeiro em formação escolhe por chamar o espírito de Elfarran, a bela senhora da Escritura de Enlad. O único conhecimento que se tem sobre ela é o que foi contado nas lendas e canções antigas, assim, o que os alunos de Roke sabiam era que Elfarran estava morta há mil anos e os seus ossos jaziam no fundo do Mar de Éa.

Ged sentia que possuía o poder do mundo em suas mãos. A incerteza da existência dela não impediu sua invocação, e então:

o grande feitiço começava a funcionar. A voz de Ged ainda era suave, mas se transformara com uma melodia profunda, e as palavras que ele dizia não eram conhecidas dos demais. Ele ficou em silêncio. De repente, o vento soprou, murmurando na relva. Ged caiu de joelhos e gritou. Depois, caiu para frente como se fosse abraçar a terra com os braços estendidos e, quando se levantou, segurava algo escuro entre as mãos e os braços tensos, algo tão pesado que ele tremia devido ao esforço. O vento quente assobiava na relva escura da colina. Se as estrelas brilhavam agora, ninguém as via. As palavras do encantamento eram assobiadas e murmuradas nos lábios de Ged, e logo depois ele gritou com clareza:

— Elfarran!

E gritou novamente o nome:

— Elfarran!

E pela terceira vez:

— Elfarran!

A massa disforme de escuridão que ele havia erguido se partiu. Rompeu-se. E uma espiral de luz pálida cintilou entre os braços abertos do garoto, uma

forma oval tênue estendendo-se do chão até a altura de suas mãos levantadas. Em um instante, a luz oval mudou, assumiu uma forma humana: uma mulher alta que olhava para trás por cima do ombro. Seu rosto era lindo, triste e cheio de medo (Guin, 2022, p. 71).

Mas, além do espírito de Elfarran, Ged, sem pretensão, também invoca uma sombra, um ser tenebroso, sem forma ou nome. Desejando tomar os seus poderes e seu corpo, ela o persegue por todos os lugares, em várias formas, até em sonhos e nas terras dos mortos. Em motivo disso, o equilíbrio entre luz e escuridão entra em risco, e cabe a Gavião resolver esse problema, afinal, sua arrogância e sua superioridade o levaram a libertar o mal.

Essa cena traz a pura manifestação do sobrenatural. Segundo as regras do mundo concreto, a ação descrita é totalmente impossível, no entanto, para os universos aos quais pertencem a literatura maravilhosa, essas duas palavras não existem, em razão de que tudo é permitido, tudo é aceitável e normal.

Inobstante, o gênero faz com que o leitor aceite os fatos como críveis, destarte, Terramar é possivelmente real, como tudo o que acontece nela. Uma vez que “o maravilhoso irrompe na narrativa sem qualquer estranhamento e implica a aceitação dos fenômenos sobrenaturais, quer pelas personagens ficcionais, incluindo-se o narrador, quer o leitor, o que implica, da parte deste, a suspensão voluntária da incredulidade (Michelli, 2020, p. 98)”, aquele que se aventura nas histórias maravilhosas, para fazer com que os mundos ganhem veracidade, desempenha um grande papel ao fazer com que o seu intelecto trabalhe para esquecer as regras da realidade comum. E, nessa ação, os cenários ganham vida e abre-se uma dimensão para que esses mundos venham a existir.

Após tantas aventuras vividas pelo arquipélago chega a hora de Ged enfrentar a sombra. E o leitor, juntamente a ele, no fim dessa jornada, não deixa de vivenciar ações incapazes de serem realizadas senão em terras maravilhosas. Ele derrota o mal e o seu prêmio por essa batalha travada é o conhecimento de si mesmo, as lições que aprendeu, o seu crescimento e entendimento do universo.

As características do maravilhoso se repetem ao decorrer da história. Terramar é repleta de magia, do sobrenatural e criaturas fantásticas. É um mundo que graças ao gênero é inquestionável, deslumbrante e possível de existir.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O escritor, ao se integrar no gênero maravilhoso, torna-se criador de diferenciados mundos sobrenaturais. Com sua imaginação, pode inventar cenários inéditos, povoar ambientes com criaturas nunca vistas ou sequer imaginadas, ou ainda fazer com que um príncipe permaneça vivo mesmo que o seu coração não bata, sustentado apenas pelo poder da magia. Permitido pelo maravilhoso, o autor manipula as palavras e, a partir delas, cria dimensões onde universos enfeitados, criaturas místicas e a magia se tornam críveis e verídicos. O escritor tem o poder de ditar as leis que regem esses mundos criados por ele, tornando a condução das narrativas um mistério.

O leitor que anseia por fugir de sua realidade, por fim, pode se deparar com acontecimentos improváveis, sair da normalidade e viver em cenários compostos pelo sobrenatural. Tanto o escritor quanto o leitor utilizam de sua imaginação: o primeiro para criar os universos e o segundo para fazê-los ganhar vida ao participar do pacto ficcional que desativa sua incredulidade.

A literatura maravilhosa acontece sem limitações; perante ela, a monotonia do mundo real falece. Ler histórias maravilhosas leva o indivíduo a vivenciar situações

nas quais o impossível é possível. Cada mundo criado por ela é diferente e funciona sob normas distintas, estabelecidas pelo autor. No entanto, tais narrativas estão sempre sustentadas por alguns pilares, sendo eles: o sobrenatural convertido em natural; o extraordinário que não gera questionamentos nos personagens, narrador ou leitor e a presença da magia e criaturas fantásticas que são indispensáveis. Elas sempre mostram acontecimentos que são impossíveis de se realizar na realidade habitual.

Ursula K. Le Guin, além de propor uma reflexão sobre o desenvolvimento interno, coragem em meio ao medo e aceitação de si próprio, promove uma viagem para uma dimensão deslumbrante da feitiçaria e do poder que o conhecimento pode ocasionar. Por se passar em um mundo totalmente inventado, por manifestar as características determinadas pelo gênero discutido em seu enredo, chegou-se à conclusão que o romance de fantasia *O Feiticeiro de Terramar* pertence à literatura maravilhosa.

## REFERÊNCIAS

GUIN, Ursula K. Le. **O feiticeiro de terramar**. 1. ed. São Paulo: MorroBranco, 2022.

MARINHO, Celisa. **Contribuições para uma poética do maravilhoso**: Um estudo comparativo entre a narratividade literária e cinematográfica. 2006. Tese (Doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Letras, São Paulo, 2006.

MICHELLI, Regina. Nas Trilhas do maravilhoso: a fada. **Terra Roxa e Outras Terras**: Revista de Estudos Literários, [S. l.], v. 26, p. 61–72, 2013. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/article/view/25161/18417>. Acesso em: 12 de fev. 2024.

MICHELLI, Regina. **Viajando pelo mundo encantado do era uma vez**: configurações identitárias de gênero nos contos de fadas. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2020.

PIMENTA, Ana. O maravilhoso e os contos de fadas. **Trilhos**. Pires do Rio, V.11, n.1, p. 77-85, 2014.

ROAS, David. **A ameaça do fantástico**: aproximações teóricas. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2013. E-book.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. 2. ed. México: Premia editora de livros S.A, 1981. E-book.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente e, acima de todos, expresso a minha gratidão ao meu Deus, que me capacitou para enfrentar cada período e as dificuldades que encontrei ao longo do



caminho. Grata sou por sua companhia, por ter me dado forças e coragem a cada dia e ter me permitido chegar até aqui.

Ao meu pai, Antônio Nunes, que sempre me aconselhou e incentivou a não desistir. Por, mesmo depois de um dia de trabalho, cansado, ir à noite me buscar no ponto de ônibus. Por escutar meus problemas e pelo seu esforço para que eu conseguisse chegar a este momento.

A minha mãe, Maria Luciana, que se preocupou comigo a cada período e me ajudou nas grandes e pequenas coisas do cotidiano. Por me apoiar independentemente da minha decisão; se eu continuasse ou viesse a desistir, ela compreenderia minhas razões, sem me repreender por tal atitude.

A minha irmã, Deise Nunes, que na minha infância me ajudou a aprender a escrever e a ler, além de me auxiliar pacientemente em meu ingresso no curso e até aqui. Que no curso foi minha parceira em várias matérias e vários trabalhos, compartilhando experiências boas e ruins. Irmã, você foi uma peça fundamental para o meu crescimento acadêmico, obrigada!

Ao meu marido, Renan Monteiro, por tornar os momentos difíceis mais leves e por me fazer rir em meio aos problemas. Por me encorajar, incentivar e acreditar em minha capacidade, além de escutar, tentar ajudar e demonstrar compreensão diante das minhas dificuldades durante as disciplinas.